

A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO PELO MODO DE LEITURA: DISCUSSÕES SOBRE O TEMA A PARTIR DA ANÁLISE DO CONTO *QUE SE CHAMA SOLIDÃO* DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Pedro Moura Araújo¹

Eliana Kefalás Oliveira²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INTRODUÇÃO

Este trabalho fará uma leitura do conto *Que se chama solidão*, da autora paulistana Lygia Fagundes Telles, publicado no livro *Invenção e Memória* (2000). Esse conto está classificado como memorialístico, entretanto, contém características que, de acordo com o que Todorov apresenta, fazem deste conto, também, fantástico. Para alcançar isso, será feita uma abordagem da teoria que compreende o fantástico para entender como esse efeito se fez em uma narrativa de memória. Os teóricos utilizados para o estudo do fantástico são Tzvetan Todorov, em seu livro *Introdução à Literatura Fantástica* (1981); e Selma Calasans Rodrigues, em seu livro *O fantástico*. Por esses teóricos, serão averiguados posicionamentos comuns que estão presentes nas variadas linhas de definição e delimitação do fantástico. Além disso, serão discutidas questões sobre a literatura de memória, principalmente na obra de Lygia Fagundes Telles, segundo os estudos de Maria do Rosário Alves Pereira (2008) e de Suênio Campos de Lucena (2007). E, por fim, será feita uma leitura do conto *Que se chama solidão*, para, com base nos estudos do fantástico e da memória, observar como a autora une essas classes de texto literário e constrói a narrativa fantástica utilizando-se de características da narrativa memorialística como elementos textuais para alcançar o efeito fantástico, e de como o modo de leitura empregado pelo leitor tem papel fundamental na construção da narrativa.

1 A AUTORA: UMA PERSONAGEM QUE SE REVELA EM CONTOS

¹ Autor

² Orientadora

Lygia Fagundes Telles nasceu no dia 19 de Abril do ano de 1923. Em várias entrevistas publicadas, a autora diz que seu primeiro contato com a literatura foi na sua infância, quando escutava, em rodas familiares, histórias de terror e mistério da cultura popular, como a mula-sem-cabeça, lobisomem etc. Seu primeiro livro publicado foi *Porão e Sobrado* – contos (1938) quando tinha apenas 15 anos. Anos mais tarde, ao ingressar na universidade, conheceu Hilda Hilst, que viria a ser sua melhor amiga. Passou também a frequentar as rodas literárias e ali foi apresentada a Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Paulo Emílio Sales Gomes, entre outros. Seu segundo livro de contos, intitulado *Praia Viva*, foi publicado em 1944. A partir daí inicia-se sua carreira como escritora, publicando, posteriormente, vários outros títulos, entre romances, contos, memória e ficção, e, mais recentemente, crônicas.

Entre os livros classificados como literatura de memória estão *A disciplina do amor* (1980), *Invenção e Memória* (2000), *Durante aquele estranho chá* (2002) e *Conspiração de nuvens* (2007). Lygia Fagundes Telles tem também quatro romances publicados: *Ciranda de Pedra* (1954), *Verão no aquário* (1963), *As meninas* (1973) e *As horas nuas* (1989). A maior parte de sua obra são livros de contos: *Antes do baile verde* (1970), *Seminário dos ratos* (1977), *Mistérios* (1981), *A estrutura da bolha de sabão* (1991), *A noite escura e mais eu* (1995), *Passaporte para a China* (2011) e *Um coração ardente* (2012). Além destes, há também contos que Lygia Fagundes Telles removeu de sua bibliografia por considerá-los imaturos, como os que estão em *Porão e Sobrado*, *Praia Viva* e em *o Cacto Vermelho*.

Ressalto, porém, que em toda a bibliografia de Lygia Fagundes Telles não há uma predominância do fantástico, esses contos não representam grande parte de sua obra. Assim, não podemos dizê-la uma autora exclusiva do fantástico. Contudo, a autora escreve contos fantásticos com maestria, tendo, assim, destaque no que toca a narrativa fantástica no Brasil. Seu conto “A caçada”, por exemplo, está entre os contos fantásticos de maior destaque, sendo objeto de estudos sobre o tema.

No caso específico do conto *Que se chama solidão*, a autora inicia uma narrativa que remonta a sua própria infância. Para quem conhece um pouco da vida da autora, sabe que há muitas coisas em comum entre sua biografia e aquilo que é narrado nas linhas do conto. A constante mudança de casa, a mãe pianista, as pajens³ que a acompanharam na infância, etc. Essa alusão à infância da própria autora faz o autor entrar na leitura de modo a acreditar que aquilo se trata de algo real, e não fictício. Esse é o maior artifício que Lygia utiliza para que o

³ Jovens serviçais que atuam no serviço doméstico e como uma espécie de babá.

acontecimento insólito apresentado no conto desloque totalmente o leitor. Isso será melhor discutido em uma seção posterior deste trabalho, por ora, faremos um passeio pela teoria que define o fantástico.

2 O FANTÁSTICO: QUANDO A INCERTEZA É CERTA

Muitos teóricos se ocuparam sobre o estudo do fantástico ao longo de seu percurso histórico. Selma Calasans Rodrigues em seu livro *O fantástico* (1988) afirma que o fantástico é uma resposta à racionalização proposta pelos pensadores iluministas, justamente por contraposição a essa proposta que descartava o sobrenatural e buscava explicações racionais para todos os eventos. A narrativa fantástica coloca em destaque o racionalismo defendido pelo iluminismo ao mesmo tempo em que faz contraste a esse racionalismo devido aos próprios acontecimentos de ordem sobrenatural presentes na narrativa. Um ponto em comum no que afirmam os vários teóricos sobre a narrativa fantástica é a presença do sobrenatural e a hesitação que é criada, tanto na personagem quanto no leitor, a partir da tensão gerada ante o confronto entre realidade e sobrenaturalidade que o acontecimento insólito proporciona. Ou seja, a narrativa fantástica gira em torno de um acontecimento aparentemente sobrenatural, mas que pode ter uma explicação racional, fazendo, assim, com que a personagem – e o leitor – não consigam precisar o que realmente aconteceu. Todavia, essa possibilidade racional deve ser “completamente desprovida de probabilidade interna” (Soloviev *apud* Todorov, 1981) ou em outras palavras “uma porta suficientemente estreita que não possa ser utilizada” (M. R. James *apud* Todorov, 1981). Ou seja, apesar da existência da possibilidade da explicação racional, a personagem – e consequentemente o leitor – não acredita nela, pois a probabilidade de seu acontecimento é baixa. O sobrenatural pesa mais na balança interna. Todorov (1981) afirma que “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (p. 16).

O fantástico vive dessa vacilação. A narrativa fantástica faz com que o leitor situe-se no universo da personagem, entrando no mundo dela, para que, assim, além de identificar-se com ela, seja impregnado pelo seu pensamento e sua dúvida ante o fato insólito.

Há um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico. (TODOROV, 1981, p. 16)

Essa hesitação, então, deve estar presente na narrativa, sendo expressa pelas personagens e, principalmente, pelo narrador (narrador este que pode ser em primeira ou terceira pessoa). A ambiguidade que a própria situação gera contamina o leitor, fazendo-o hesitar junto à personagem. Selma Calasans Rodrigues diz ainda que a hesitação

Mostra o homem circunscrito à sua própria racionalidade, admitindo o mistério e, porém, com ele debatendo-se. Essa hesitação que está no discurso narrativo contamina o leitor, que permanecerá, entretanto, com a sensação do fantástico predominante sobre explicações objetivas. A literatura, nesse caso, se nutre desse frágil equilíbrio que balança em favor do inverossímil e acentua-lhe a ambiguidade. (RODRIGUES, 1998, p.11)

É Todorov quem primeiro formula o que seria indispensável para a construção do fantástico e cita três pontos como fundamentais para isso. Primeiro, o texto deve obrigar o leitor a considerar o mundo das personagens como real, verossímil, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos. O segundo ponto é que essa vacilação também deve ser sentida por um personagem, e, assim, o papel do leitor está crédulo a uma personagem, o leitor acredita no julgamento dessa personagem. O terceiro ponto defendido por Todorov é o de que o leitor não deve nunca fazer uma interpretação alegórica ou uma interpretação poética dos acontecimentos narrados.

Quanto a isso, Todorov explica:

A primeira condição nos remete ao aspecto *verbal* do texto, ou, com maior exatidão, ao que se denomina as “visões”: o fantástico é um caso particular de “visão ambígua”. A segunda condição é mais complexa: por uma parte, relaciona-se com o aspecto *sintático*, [...] Por outra parte, refere-se também ao aspecto *semântico*, posto que se trata de um tema representado: o da percepção e sua notação. Por fim, a terceira condição tem um caráter mais geral e transcende a divisão em aspectos: trata-se de uma eleição entre vários modos de leitura. (TODOROV, 1981, p. 20)

Neste ponto, a terceira condição apresentada por Todorov diz respeito ao modo de leitura que o leitor deve “eleger” para que o fantástico se constitua, pois se o leitor não entrar no jogo literário, acreditar que o insólito é real, o plano do fantástico não se constitui e o leitor envereda pela explicação racional para a causa, acreditando num delírio da personagem. É a “suspensão da descrença” da qual fala S.T. Coleridge. Por outro lado, o leitor também não pode fazer uma leitura alegórica, achando que tudo se trata de um simbolismo, pois isso também descaracterizaria o fantástico. Assim, apesar de toda a construção do enredo para que

a trama culmine na dúvida e na eventual aceitação do insólito como fato, é o leitor quem exerce, talvez, a maior parcela na constituição do fantástico enquanto efeito, como Todorov denomina.

Na seção seguinte, será feito um estudo da memória para que se a entenda como lugar de construção literária e ficção. Assim, é possível entender como Lygia Fagundes Telles conseguiu se aproveitar disso para alcançar o fantástico.

3 A MEMÓRIA: LYGIA FAGUNDES TELLES

A obra de Lygia Fagundes Telles é vasta e diversificada. Nessa obra é possível notar a memória da autora permeando sua invenção e misturando-se aos contos. Lygia Fagundes Telles tem, no mínimo, quatro livros publicados classificados como *memória*, como já citados acima.

Em um estudo sobre a memória na obra de Lygia Fagundes Telles, Maria do Rosário Alves Pereira afirma que escrever memórias é uma forma de não esquecê-las, de se proteger contra o esquecimento:

O medo do esquecimento tenta ser combatido com estratégias de rememoração pública e privada, e a literatura enquadra-se como uma delas: o escritor, à medida que passa para o papel uma dada categoria de memória (quer dizer, suas memórias pessoais, ou aquelas que se relacionam a gênero, nação etc., mesmo que sejam ficcionalizadas), tenta combater esse “medo do esquecimento”, fantasma que parece rondar o ser humano desde sempre. (PEREIRA, 2008, p. 10)

Ainda sobre o estudo da memória na literatura, o teórico Afrânio Coutinho diz que:

As memórias põem maior relevo sobre pessoas e coisas contemporâneas do autor e os acontecimentos que testemunhou. Muitas se limitam à narrativa de fatos que estavam dentro do raio de observação do memorialista. Visto que passam pelo crivo de um temperamento, de um caráter, de uma intenção, as memórias não oferecem grande segurança como fonte histórica. O autor conta o que viu e viveu, intercalando amiúde os seus comentários, irônicos, críticos, mordazes, assim prejudicando a objetividade do relato. (COUTINHO, 2008, p. 112)

Ou seja, a memória literária é sempre permeada pela invenção. Os estudos sobre a memória afirmam que a memória humana é sempre reconstruída a partir da subjetividade de quem lembra, logo, encontramos na memória sempre um local de incertezas.

Assim, a lembrança total dos acontecimentos inexistente, e o ponto de vista que sobre eles incide depende da *bagagem daquele que rememora*. O que se tem ao final, então, são ruínas: “Os lugares da memória são, em primeiro lugar, restos.” (PEREIRA, 2008, p. 11)

A memória – e a memória literária – será sempre um lugar de reconstrução. Um reinventar o passado.

[...] aquele que rememora é um *ser de linguagem, permeado pelas contingências*, transformações e lacunas – temporais inclusive – entre aquilo que foi vivido e aquilo que é rememorado: “A linguagem é antes de mais nada o traço – substituto e nunca perfeito e satisfatório – de uma falta, de uma ausência.” Por fim, não se pode desconsiderar que o processo de rememoração é por vezes *construído*[...] (PEREIRA, 2008, p. 11-12.)

Apesar de tudo o que foi dito, não há como negar a parcela de veracidade que existe na literatura de memória. Afinal, o autor faz um empréstimo de suas lembranças para guardá-las e reinventá-las na literatura.

4 QUE SE CHAMA SOLIDÃO: QUANDO A MEMÓRIA É FANTÁSTICA

O conto que aqui será discutido está presente no livro *Invenção e Memória* (2000), de Lygia Fagundes Telles. Esse livro, enquanto classificação bibliográfica, é definido em contos e em reminiscência. A palavra reminiscência significa: o que se conserva na memória; a faculdade da memória; lembrança vaga.

O leitor que conhece a biografia de Lygia Fagundes Telles, logo identifica marcas de sua infância no referido conto: a mãe pianista, as pajens, as quermesses. Isso faz com o que o leitor situe-se numa esfera de realidade, faz com que o leitor creia que aquele relato é, de fato, uma memória de infância da autora quando menina.

Trata-se, resumidamente, de uma história em que a personagem principal recorda-se de uma das suas pajens (uma espécie de babá) que fez um aborto e faleceu. O acontecimento insólito é, então, a aparição dessa pajem morta à personagem/narradora. Essa é uma das características que criam o efeito fantástico no conto. O leitor é pego de surpresa ao se deparar com um acontecimento insólito em uma narrativa que a princípio seria situada num mundo de leis naturais.

De uma maneira não esperada, Lygia Fagundes Telles transforma sua memória numa narrativa sobrenatural permeada por dúvidas. Alguns autores como Roberta Hernandez Alves e Alfredo Leme de Carvalho afirmam que na literatura de Lygia Fagundes Telles não há a presença do fantástico, entretanto, o conto que aqui está discutido apresenta particularidades que caracterizam essa narrativa como fantástica. O autor Renan Fornaziero de Oliveira também contrapõe esses teóricos ao fazer um estudo sobre o conto *A caçada*, classificando-o, também, como literatura fantástica.

A ambiguidade se dá por vários fatores: o próprio fato de a narrativa ser memória literária não confere a impossibilidade da presença da ficção, conforme já foi discutido. A autora utiliza-se também de outro recurso: o tempo da narração é o presente, ou seja, a narradora não é alguém que se lembra, mas sim a menina que acaba de vivenciar os fatos. Considerando todas as particularidades sobre o estudo da memória, entende-se perfeitamente que este relato está permeado por dúvidas, em ruínas, como citado anteriormente. Por fim, ao analisar a situação narrativa, encontramos uma personagem/narradora fragilizada pela morte de sua amiga e que pode ter visto seu fantasma em um arbusto.

[...] Cheguei perto e vi no meio dos galhos a cara transparente de Leocádia, o riso úmido. Comecei a tremer, A quermesse, Leocádia, vamos? convidei e a resposta veio num sopro, Não posso ir, eu estou morta... Fui me afastando de costas até trombar na Keite que tinha vindo por detrás e agora latia olhando para o jasmineiro. Peguei-a apertando-a contra meu peito, Quieta! ordenei, Cala a boca senão os outros escutam, você não viu nada, quieta! Ela começou a tremer e a ganhar baixinho. Encostei a boca na sua orelha, Bico calado! repeti e beijei-lhe o focinho, Agora vai! Ela saiu correndo para o fundo do quintal. Quando voltei para o jasmineiro não vi mais nada, só as florinhas brancas no feitio das estrelas. (TELLES, 2009, p. 16)

Apesar da possibilidade de uma explicação racional para esse fato, isso, entretanto, não descarta a possibilidade do acontecimento sobrenatural ter, de fato, acontecido. Inclusive, para a personagem, não há dúvidas de que ela realmente viu o fantasma de sua pajem Leocádia. É o conflito interno que balança em favor do inverossímil, a porta suficientemente estreita pela qual não se pode passar. Mesmo que haja possibilidades de uma explicação racional, é na sobrenatural que a personagem acredita. É possível ver a confirmação disso no trecho final do conto:

Na calçada tomou a dianteira no seu passo curto e rápido, a cabeça baixa, a boca fechada. Fui indo atrás e olhando para o céu, Não tem lua! eu disse e ela não

respondeu. Tentei assobiar, *Nesta rua nesta rua tem um bosque* e o meu sopro saiu sem som. Fomos subindo a ladeira em silêncio. (TELLES, 2009, p. 17)

A personagem não tem plena certeza se de fato viu o fantasma de Leocádia, e, portanto, não relata o fato a ninguém, apenas é tomada por uma súbita tristeza e silêncio. Essa é a hesitação, a dúvida e a incerteza causada pela tensão entre a racionalidade e o sobrenatural das quais falam os teóricos que formulam o fantástico.

Desse modo, tomando a compreensão de Todorov sobre o Fantástico, é possível afirmar que o conto de Lygia contempla a todos os quesitos para a sua construção.

Não se pretende, aqui, estipular um novo conceito para o fantástico, apenas contrapor o que afirmam alguns autores sobre a classificação da obra fantástica de Lygia Fagundes Telles e contribuir para os estudos sobre a obra dessa escritora. De uma maneira diferente e, por que não dizer, inovadora, Telles escreve sua narrativa fantástica em uma narrativa memorialística em que a incerteza, acentuada pela recuperação incerta da memória, cria o efeito fantástico.

REFERÊNCIAS

- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008
- LUCENA, Suênio Campos de. **Esquecimento e lembrança em Lygia Fagundes Telles**. São Paulo: USP, 2007.
- PEREIRA, Maria do Rosário Alves Pereira. **Entre a lembrança e o esquecimento: estudo da memória nos contos de Lygia Fagundes Telles**. Belo horizonte: UFMG, 2008.
- RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Invenção e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- TODOROV, Tzevetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1981.